

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 655



## OS BRINQUEDOS DO QUIM e SEUS AMIGOS

por MARIA ARCHER

**CARLINHOS** — Eu tenho um cavalo de pau. Faz relinchos... Assim! (imita). E pula... Todos os dias o lavo muito bem. Parece-me que êle quer comer, mas o pai não consente que eu lhe meta comida na bóca...

**MARIA** — O pai é mau para os animais?

**CARLINHOS** — Não... Mas lá para o meu cavalo é mau...

**QUIM** — A mim já me puxou as orelhas, porque o meu cavalo tinha banana esmagada no focinho...

**MARIA** — Eu tenho um automóvel. A buzina é assim (imita a buzina de um automóvel). E tem um escape mais forte! (imita o escape). Ando com êle no jardim. As vezes, é cada derrapage! Cada atropelamento! Ah! muito custa brincar! Há sempre pessoas que se metem debaixo das rodas de quem vai com pressa...

**TERESA** — Eu tenho uma vaca. Mugge assim. (imita). Mas não dá leite. E tem um pêlo muito fino. Quando estou na quinta, levo-a sempre ao estábulo. E' muito engraçado; as vacas verda-

deiras vêm logo cheirar a vaquinha, pensando que é um filho...

**QUIM** — Eu gosto mais do urso... Dança. E canta, assim, uma música esquisita, que lhe sai da barriga. (Trauteia a música da ária chamada «Alma de Diós»). E' de sêda... E' amarelo... Mas não come meninos, como os ursos dos ciganos.

**MARIA** — As bonecas é que são bonitas! Destas que reviram os olhos e têm um vestido de «organdi»...

**CARLINHOS** — O' Quim, e uma caixa de soldados? Que bom é ter uma caixa de soldados! Fazer uma guerra, pum! pum! pum! aos tiros!

**QUIM** — Tac! tac! tac! com as metralhadoras!

**TERESA** — E uma corneta para tocar a alvorada! (imita toques de corneta).

**MARIA** — E um tambor para a marcha, trum, trum trum! (imita o tambor).

**TERESA** — Custa muito poder brincar! Eu tenho um fogão, com panelas e tachos. E' todo de alumínio, muito



limpo, muito bonito. Mas a mãe não consente que eu faça lume! Como se pode fazer comida sem lume?

**QUIM** — E' por isso que os teus jantarinhos são sempre saladas...

**MARIA** — E eu tenho um serviço de loiça. Loiça verdadeira, daquela que se parte. Tem pratos pequeninos. E talheres. Mas não posso comer neles porque a «miss» não consente. Diz que não é limpo, porque os pratos são lavados por mim...

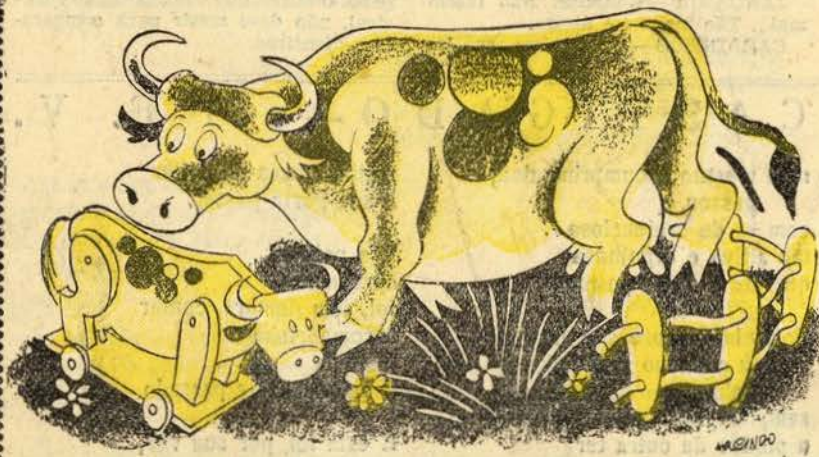
**CARLINHOS** — Por isso os teus jantarinhos são sempre de bolachas partidas...

**MARIA** — Eu gostava tanto de comer um jantarinho, com sopa e batatas fritas!

**QUIM** — Eu acho que as melhores brincadeiras são na quinta. Gosto de chamar os cães e correr com êles atrás das galinhas...

**TERESA** — Ai! que engraçado! As galinhas espavoridas, cócóróco! quiquiriqui! (imita), e os cães numa algazarra infernal... béu, héu, béu... (imita).

**CARLINHOS** — E os gansos? Os gansos, que correm atrás da gente! Que mordem e parece que ladram? Eu e o





Júlio, lá na quinta, toureamos os gansos. Eu sou o Gallito. Ele é o Belmonte. As capas são os aventais da cozinheira. As farpas são dois guardas-chuvas velhos, do caseiro. Uma vez, um ganso mordeu-me uma perna — foi a colhida! Olé! Olé!

MARIA — E andar de burro? Vocês não gostam de burros?

TERESA (séria) — Quem não há-de gostar duma coisa tão boa! Os burros são tão bonitos! Mansos, côr de cinza, com a voz agradável... E gostam de tirar água da nora.

CARLINHOS (trocista) — Cantam como os tenores da Ópera!

TERESA — E's capaz de fazer troça da voz dos burros? Julgas que a tua é mais bonita?

CARLINHOS — Crêdo! A minha não! A minha não se compara...

QUIM (furioso) — A tua, a tua, é que se compara ao zurrar...

TERESA — Insolente! Rato pelado! Burro da água!

QUIM (chorando) — Se tenho pouco cabelo, a culpa não é minha... Foi o pai que mandou o barbeiro rapar-mo à navalha!

CARLINHOS — Não faças caso! As mulheres são sempre ingratas. Todos os homens de valor são carecas. O Gago Coutinho é careca e andou de avião! E a Teresa não é capaz de andar de avião, mesmo com o penteado em caracóis!

QUIM — Eu hei-de ser aviador e depois mando-te uma bomba, que te esmago!

MARIA — E nós mandamos-te um ti-

ro! Julgas que se faz pouco das mulheres

QUIM — Fúfias!

CARLINHOS — Lambisgóias!

TERESA e MARIA (ao mesmo tempo) — Peralvilhos!

QUIM e CARLINHOS — Oh! E' forte!

TERESA e MARIA — Badamecos!

JANUÁRIO (que aparece de repente) — Mas que é isto, meus meninos?

TERESA — Os rapazes são umas feras!

MARIA — Sr. Januário, os rapazes são diabos!

CARLINHOS — As raparigas são víboras!

QUIM — Sr. Januário, querem matar-me com um tiro!

JANUÁRIO — Ih! o que aí vai! Mas porquê?

TERESA — O Quim quer ser aviador e esmagar-me com bombas! Porque eu faço troça dos burros!

QUIM — A Maria diz que me mata com um tiro!

JANUÁRIO — Parece que estás com medo, Quim?

QUIM (chora) — E' que eu não gosto destas brincadeiras... Eu gosto de brincar, sossegado...

CARLINHOS — Eu já conto o que se passou. A gente estava a dizer como gosta de brincar. Sim, cada um falava nos seus brinquedos. Depois, a Teresa falou nos burros. Ora, os burros são muito perigosos...

JANUÁRIO — Coitados! Não fazem mal... Tão mansos e úteis...

CARLINHOS — Não é isso, sr. Ja-

nuário. E' que, quando se fala em burros, toda a gente julga que há piada... que lhe estão a jogar piadas... que se metem connosco! Percebeu?

JANUÁRIO — Então não havia de perceber... E' tão claro... E porque julgou o Quim que era piada?

QUIM — E' que eu, sr. Januário, só gosto, verdadeiramente, de uma brincadeira... Nem cavalos, nem automóveis, nem touradas me agradam assim. Tenho lá, na quinta, um balde pequenino... um velho balde de brincar na praia... O meu gosto é pôr-lhe uma corda e tirar água do tanque, como faz o burro que tira água da nora... Então, os meus primos chamam-me burro da água... (chora). Falam sempre do burro para se meterem comigo...

JANUÁRIO — Pois os meninos estão a portar-se mal. Primeiro, vão fazer as pazes: Vá, dêem um beijo uns aos outros (ruído de beijos estrondosos). Agora digam lá: Quem é capaz de zurrar melhor?

CARLINHOS — Sou eu!

JANUÁRIO — E's capaz de imitar a voz do burro?

CARLINHOS — Sou. (imita). E também sei tirar água do poço.

JANUÁRIO — Ficaste envergonhado? Não! Até tens graça! Pois é preciso que compreendam que os animais são nossos amigos e não há vergonha em nos compararem com êles. Forte como um leão, não se diz? Diz-se, e é lisonjeiro. O burro, que é nosso amigo e servicial, não deve servir para comparações ofensivas.

## ORGULHO CASTIGADO — por F. V.

A Dona Perua, um dia, disse lá para consigo: — «Vou sem demora ensinar um certo ar de arrogância para, assim, ir conquistar em todos mais importância.

Dito e feito. Pela tarde, quando a vizinha Patinha no seu caminho encontrou,

nem mesmo a cumprimentou; passou, com ar de pretenciosa tão altiva e orgulhosa que até a outra pasmou.

Pois ela, sempre que via no seu caminho a Patinha, tinha sempre que dizer, a pontos da outra ter

muitas vezes de evitar à sua porta passar;

E a patinha, apreensiva, foi, sem demora, contar à comadrinha Galinha o que se havia passado.

E esta foi, por sua vez,

# NOVA CARTA da PRAIA

por GRACIETTE BRANCO

**E**IS-ME em pleno Estoril... Manhãs de Sol!  
A pele iodada e um sabor a mar!  
Já depois de nadar, nadar, nadar,  
vou secar-me na areia, sem lençol!

Não te escrevi mais cedo, podes crer,  
por não ter um momento de descanso.  
Isto, afinal, da calma e do ripanso,  
não passam dum desejo por nascer...

De manhã tenho a praia ou a piscina,  
depois tenho o Casino, o Tamariz,  
e nesta vida alegre, sã, feliz,  
como as horas se vão, não se imagina!

E tu, minha Lenita, linda e boa,  
manda uma carta grande detalhada,  
tens ido ás «matinéés» ou á tourada,  
nessas risonhas tardes de Lisboa?

Tens descido a Avenida? Tens brincado  
no Parque Eduardo VII, á tardinha?  
Tens posto o fato creme, da barrinha,  
que tem um grande pato desenhado?

«Mademoiselle», tem-te ensinado a ler?  
Olha que é tempo, que, se bem me lembro,  
já completas sete anos em Setembro  
e é uma grande vergonha não saber!

Sinto saudades já da vida calma,  
e ordenada e tranqüila e sorridente,  
quando, á hora doirada do poente,  
há uma paz infinda dentro de alma!

Ou quando a chuva canta na vidraça  
e o vento, muito ao longe, vai gemendo...  
um «abat-jour» de seda amortecendo  
a luz que tudo beija e tudo abraça!

Um casaco de lã macia e quente,  
um trabalho, um jornal, um livro e, então,  
as horas religiosas do serão  
decorrem num simpático ambiente.

Mas agora o mar canta em desafio  
e a areia brilha ao Sol, muito doirada...  
Vivamos esta vida descuidada,  
inda vem longe o Inverno, a chuva, o frio!

Adeus e não te esqueças que desejo  
receber uma carta, brevemente.  
Dá saudades á Mãe, a tóda a gente,  
e para tí, Lenita, um grande beijo.

contar tudo ao seu esposo  
— um belo galo pedrés —  
que, quando isto ouviu dizer,  
ficou bastante indignado.

Mas costuma-se dizer:  
Que os maus serão castigados  
E que os bons recompensados...  
Foi isto o que aconteceu



à tóla Dona Perua.

Estava, um dia, uma franga  
pacatamente deitada,  
a apanhar sol regalada,  
mesmo ao cimo dum telheiro,  
quando a Perua, vaidosa,  
lhe diz num ar galhofeiro:



— «Quem tem mais força é que  
vence...»

Portanto, a minha amiguinha  
desça já cá para baixo;  
pois eu quero ir ocupar  
o vosso belo lugar,»

Aquela  
com medo dela,  
por nada mais esperou;  
com tóda a pressa voou.

Logo a Perua orgulhosa  
o seu lugar ocupou.

(Continua na página 8)

# HISTÓRIA VERDADEIRA

Por LEONOR DE CAMPOS

— «Maria Luiza, que estás tu a fazer ao espelho?»

— «Estou a arranjar o cabelo, minha mãe...»

— «Quantas vezes já te penteaste hoje?»

— «E' que — respondeu a pequena, comprometida — não sei o que tem o meu cabelo... Não fica assente!...»

A mãe carregou o sobrolho e, em voz firme, ameaçou:

— «Se torno a vê-te diante do espelho, sem necessidade, mando rapar-te o cabelo, à escovinha...»

— «A mim? O cabelo à escovinha?»

— «Sim. E tu sabes bem que eu cos-

tumo cumprir sempre as minhas promessas...»

A Maria Luiza curvou a cabeça. E a mãe continuou:

— «Ouve, minha filha. Estás, decerto, a pensar que eu sou muito má, muito severa contigo. Vou falar-te como a uma pessoa crescida e inteligente. Já tens onze anos. Hás-de compreender-me.

Os pais, quando castigam os filhos, fazem-no para os educar, para os aperfeiçoar. E', portanto, porque os estimam e gostariam de os ver perfectos. Não te parece?»

— «Pois sim. Mas eu não fiz mal algum. E a mãe diz que vai mandar rapar o meu cabelo...»

— «Não fizeste mal? Então, a valdade o que é? Uma virtude?»

Maria Luiza calou-se e a mãe prosseguiu:

— «Vou contar-te uma história: Lembra-te daquela senhora a quem um dia visitámos, quando estivemos no Porto e se agarrou a mim, a chorar?»

— «Aquela amiga da mãe, muito feia, a D. Eugénia?»

— «Exactamente... Pois essa senhora tão feia, como tu dizes, foi uma rapariga lindíssima...»

— «Linda?... Ela...?»

— «Sim. Era linda. Mas tão vaidosa, tão pretenciosa, que ninguém gostava dela. E não só da sua beleza era vaidosa. Como era rica e inteligente, jul-



gava-se superior a todo o mundo. Passava os dias a mirar-se ao espelho e a enfeitar-se. Troçava desapidadamente as amigas, os criados, os parentes e até as próprias irmãs. Só ela tinha valôr. Os outros eram todos estúpidos e feios...»

— «Então a D. Eugénia era má!... E os pais dela deixavam?»

— «Os pais eram uns bajoujos diante da filha. Em vez de a castigarem, lisongevam-lhe a valdade. Os primeiros admiradores da rapariga, eram eles próprios. E não calavam, diante da filha, a sua admiração...»

A pequena, à medida que os anos passavam, mais vaidosa se tornava.

Até que, um dia, foi a sua casa pedir

(Continua na página 8)



## BOA ACCÇÃO

Por FELIZ VENTURA

Bébé,  
 O loiro Bébé,  
 é um menino  
 rabino  
 como ninguém.

Ai, lá isso é que éle é!

Sua mãe  
 ralhado tem.  
 E mesmo, de quando em quando,  
 é por ela castigado.

Mas não pensem que o Bébé  
 fica com isto amuado,  
 ou bate o pé  
 de angado.

Não senhor. Lá isso não!...  
 Fica, sereno, a pensar,  
 e depois pede perdão  
 do delicto praticado.

E, então,  
 que bom coração  
 mostra o rabino Bébé!...

Não podem, não calcular.

Ora escutem, vou contar  
 o que, há dois dias, se deu.

Era pela manhazinha...  
 Uma chuva miúdinha  
 vinha  
 nos vidros bater.

Na salinha  
 de jantar  
 já tinham dado nove horas,  
 quando saíu o Bébé  
 a caminho do colégio.

Mas eis que, quando ia a entrar,  
 vê sentado  
 um companheiro a chorar  
 no primeiro patamar.



# O TÓNIO

Por GRACIETTE BRANCO

Tôda a manhã o Ti Zé da Horta ralhava, furiosamente, com o pobre Tónio que, esfarrapado e encolhido nos seus triste dez anos de engatado, tinha que obedecer ou então levava sová purada, com a larga corcova da cinta...

O Tónio fôra recolhido pelo Ti Zé da Horta, não por bondoso impulso do coração mas por interesseiro auxílio na rude faina dos campos.

Tónio saltava da enxérga, mal o galo de crista à banda se esganiçava no poleiro carcomido, distendia os pobres membros entorpecidos, lavava, à laia de gato, o triste focinho moreno, roía, resignadamente, uma cabaça dura de brôa com uma mão cheia de figos passados, e lá abalava de ancinho ao ombro a carregar mato ou conduzindo o rebanho por êsses campos fóra...

Quantas vezes êle, olhando, nos rincões dum outeiro, um belo amanhecer, resplendente de luz e colorido, se detinha, extático, ficando-se a pensar num vago e emaranhado entrecocar de ideias, que, decididamente, Deus não criara uma tão bela riqueza de paisagens, para a vida se reduzir às sovas do Ti Zé da Horta, à sua vara de pastar, ao seu triste ancinho ferrugento...

Nái... A vida devia ter mais qualquer coisa!... Para lá daqueles montes distantes o que ficaria?! Das culméncias daquele vastíssimo céu azul, o que se avistava?!...



Nos pobres recursos da sua miserável vida, a imaginação do Tónio era admirável!

Tecia sonhos, delineava quimeras, porém, pobre arquitecto do Ideal, a sua obra desmoronava-se, derruía, mal um ladrar de cão assustado ou balido de ovelhas, se esboçavam no silêncio dos campos.

E até êsse silêncio impressionava vivamente a imaginação do Tónio!

(Continua na página seguinte)



O Bébé, muito admirado, chega-se a êle e pergunta: — «Porque estás assim chorando?»

E o outro, desalentado, diz-lhe, com voz soluçante: — «E' que eu trazia os meus livros embrulhados num jornal e hoje, com esta chuva, ficaram todos molhados, e, ainda por maior mal, descolados, estragados... Já não os posso arranjar. E meus pais, que são tão pobres, outros não podem comprar. Pois é já com sacrifícios que me trazem a estudar.

Dito isto, pôs-se de novo a chorar.

Então, Bébé, comovido, chega-se a êle, com pena, e diz-lhe, suavemente: — «Aqui tens a minha pasta e os livros. Tudo te dou.»

Logo o Bébé, satisfeito, sem por mais nada esperar,

voltou a casa a correr.

Mas a mãe, ao vê-lo entrar, cansado de tanto andar, diz-lhe, com modo severo: — «Eu quero tudo saber... Porque vens já do colégio? E os livros, onde os deixaste?»

Bébé fica embaraçado, sem nada lhe responder.

Depois, a mãe: «Maezinha escuta, vou-te contar.»

Mas inda o Bébé não tinha, a confissão terminado, já se sentia abraçado, beijado e acarinhado pela mãe, que sente orgulho do seu Bébé ser assim.

Pertanto, vêde, meninos, o Bébé é um traquinas,

se o dizeis, tendes razão, aí, lá isso é que êle é; Mas, também, todo o bem que encerra o seu coração, é uma jóia preciosa que imenso brilho contém.

E todo o mal que o Bébé tenha, acaso, praticado, fica por êle apagado.



# DOM BÉU-BÉU

ADAPTAÇÃO DE VIANA

Estava uma tarde linda!...

D. Béu-béu foi passear...

— «Mas que bonita cadelinha! — (exclamou D. Béu-béu ao ver passar, muito airosa e elegante, no seu passinho miúdo, a Nini, uma espevitada cachorrinha).

E pena ir acompanhada do seu papá, que, a avallar pelo focinho que tem, mostra não gostar de brincadeiras.

A cadelinha, de quando em quando, fitava-o sorridente, enchendo-lhe o coração das mais fagueiras esperanças...

— Não tem que ver: simpatiza comigo! Vou saber onde mora, e, logo &

noite, vou-lhe fazer uma serenata debaixo da janela!»

Se bem o pensou, melhor o fez.

E mal conseguiu saber onde morava a princesa dos seus sonhos, foi para casa jantar. Mamã cadela, estranhou-o. Quasi não comeu, não ligou importância alguma aos ossinhos que lhe tinha preparado e de que ele tanto gostava; enfim: estava outro! Tinham-lhe mudado o seu Béu-béu!

Mal acabou de jantar, dirigiu-se, apressado, para o seu quarto, lavou-se, penteou-se, perfumou-se e, pegando na guitarra, saiu de casa a correr.

Assim que chegou debaixo da janela da dama dos seus pensamentos,



começou entoando esta canção, acompanhando-se à guitarra:

— «Cadelinha tão bonita,  
Que outra mais bela não vi!  
Es tão linda, tão catita,  
Que logo a ti me prendi!...

Mas aí! Pobre Béu-béu!...  
Em lugar de aparecer à janela quem esperava, apareceu o pai da cadelinha, que terminou aquela poética serenata à luz do luar, atirando para cima do pobre apaixonado uma bacia cheia de água, ao mesmo tempo que os vizinhos, aparecendo às janelas, assim cantavam em cântico:

— «Mas que apaixonado  
Havia de vir!  
Um pano encharcado  
Estava a pedir!» —

E D. Béu-béu lá se foi, todo molhado, cheio de vergonha, corrido, e lamentando a sua triste sorte...  
Coitadinho!...



F I M

## O TÓNIO — (Continuação da página 5)

O silêncio dos campos é cheio de ruídos. Dir-se-ia sentir-se uma respiração oculta no seio da Natureza-Mãe.

Talvez longínquos vôos de aves; germinar de raízes; murmurações do vento entre as ramagens; amadurecer de frutos; brando despenhar de pinhas das altíssimas rammas dos pinheiros; seivas, resinas trasbordantes, escorrendo sobre cascas grosseiras...

A's Trindades, tocando na flauta silvestre, reúne

o rebanho, e, colhendo amoras das silvas empoeiradas, regressava a casa.

Mas, então, era outro Tónio que surgia.

Era um Tónio assustado, triste, sem personalidade, sem olhares tranqüilos.

A sua imaginação, a sua bela alma de artista, o seu espirito liberto, redentor, feliz, ficavam lá para trás, presos na sebes dos vales, suspensos das rammas dos pinheiros.

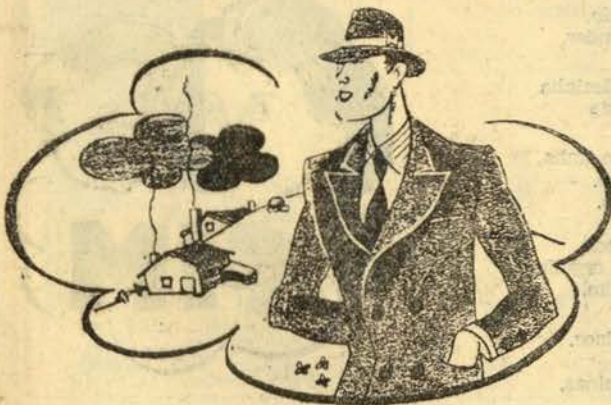
\*

Deus, porém, põe sempre as coisas no seu lugar. Aquela alma de visionário e de artista, não podia morrer encerrada na estreita cela dum pobre corpo de pastor.

E o Tónio, numa tarde de Sol dourado e fecundo, foi levado para a cidade num luxuoso automóvel, entre os beijos e as lágrimas dos Pais, a quem ele, em pequeno, fôra roubado e abandonado em seguida.

O nosso Tónio cresceu, viajou, hoje tem um curso, uma carreira brilhante de diplomata e artista mas todos os anos, — (ainda há bem poucos dias) — vai visitar o velho Ti Zé da Horta, que lhe pede perdão, de mãos postas e fingidas lágrimas nos olhos encovados, pelas sovas bem puxadas com a correia da cinta.

O Tónio tira sempre algumas horas para subir à encosta, onde outrora fôra pastor, e fica a olhar, tempos



(Continua na página 7)

# Quem adivinha? ANEDOTAS



Formar, com as letras que se vêem na gravura, o nome de um dos maiores escritores portugueses.

— «Faça favor de me dar um ovo pequenino.»

— «Um ovo pequenino!?!»

— «Sim; é para a minha irmãzinha que também é pequenina.»

♦♦

Dois rapazes trocam impressões :  
— «Eu, diz um deles, ganho bastante quando escrevo...»

E cita uma bela quantia.  
— «Nesse caso, diz o outro, não estás mal ! E em que jornais escreves ?»

— «Oh ! não é nos jornais... Escrevo todos os meses a um velho tio...»

♦♦



— «Que diabo ! Porque é que você hoje anda tão devagar?!»

— «Não sei. Só se é porque a minha bengala tem punho de tartaruga.»

♦♦

Maria Rosa tem 12 anos e é criada da D. Eugénia, uma senhora muito gulosa, que constantemente faz doces para depois saborear regaladamente. Certa vez, a Maria Rosa encontrou-



-se sózinha ao pé de um alguidar de massa, destinada a um magnífico bôio ; a ocasião era boa e a criadinha não resistiu à tentação de meter o dedinho para provar. O pior é que, nesta altura, entrou a patroa que gritou, furiosa :

— «Ó Maria ! Mas que porcaria é essa ?! Olha que eu não gosto disso !»

— «Ah, minha senhora !... respondeu calmamente a pequena. Então somos duas, porque eu também não gosto !...»

## O Tónio

(Conclusão da página 6)

sem fim, aqueles montes distantes que encobriam uma vida desconhecida...

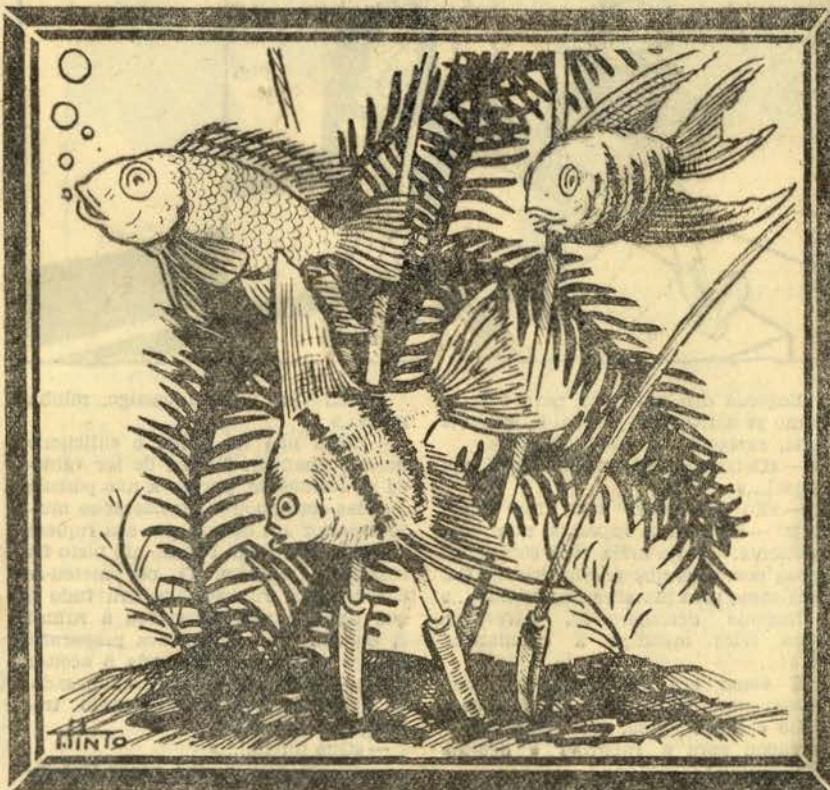
E sempre, hoje para além desses montes, vivendo a vida da inteligência, da riqueza, do mais requintado e elegante mundanismo, êle recorda, com um vago sentimento de ternura, essa vida que ficou para cá dessa primeira inspiração do seu magnífico temperamento de artista, entre pinheiros esguios, carumas atapeitando solos, galos ensonados anunciando a Aurora, rebanhos passando, lentamente, ao longe...

F I M

PARA OS MENINOS  
COLORIREM

Amiguinhos :

Se êste «quadro» fôsse colorido, não acham que ficaria muito mais bonito e vistoso do que assim, apenas a preto ? Dêem-lhe a côr, portanto, ao vosso gôsto e vereis como fica interessante.



## ORGULHO CASTIGADO

(Conclusão da página 3)

Nisto, uma Águia passou,  
que ao ver a tão bela prêsa,  
descendo com ligeirês,  
Dona perua agarrou  
e nas garras a levou...

Mais uma vez, pois, se prova  
que a vaidade é coisa má.  
E que mais se dá nas vistas  
quanto mais alto se está.

F

I

M



## OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS  
E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO

Se vos espojais no chão,  
Quando com outros brincaís,  
Sujais o fato; e o sab...  
É o suor dos vossos p...!

Poupai, meninos, a roupa  
Que custa tanto dinheiro,  
Pois, bem sabeis, quem não  
p...!  
Nunca ajuntará mealh...!

## HISTÓRIA VERDADEIRA (Conclusão da página 3)

esmola uma rapariguita. Eugénia ia sair nêsse momento. E a pòbrezinha, pediu:

—«Dê-me uma esmolinha, menina...»

E como ela voltasse a cabeça, desde-nhosa, a rapariga tocou-lhe num braço, para lhe chamar a atenção.

em falso e rebolou pela escada, até à rua. Perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, estava desfigurada para sempre. Inúmeros golpes, que mais tarde se transformariam em horríveis cicatrizes, tinham cortado o seu belo rósto...»

—«Então, há mais?»

—«Há. A desgraçada não soube conformar-se. Em vez de se resignar, revoltou-se.

Qualquer outra pessoa, educada e sensata, trataria de procurar ganhar a vida, tornando-se útil a si e aos seus.

Eugénia, não. Passava os dias a chorar, a gritar, a barafustar, a irritar-se contra tudo e todos. Sobreveio-lhe uma doença nervosa. E essa doença atacou-lhe o cérebro pondo em perigo a sua brilhante inteligência.

Só então a pobre senhora começou a ouvir os conselhos e advertências da irmã — santa rapariga — que via no estado de Eugénia, o castigo da Providência Divina.

E então reconsiderou. Arrependeu-se da sua enorme vaidade, do seu estúpido e desmedido orgulho.

Hoje está transformada por completo. Vive modestamente, é certo, mas quasi feliz, porque tem em si a maior beleza do Universo: uma alma boa, sã, singela e compassiva, embora formada à custa de muito sofrimento!... »

—«Coitadita da D. Eugénia, minha mãe!... Que pena tenho dela!...»

—«E' para que vejas, filha, os perigos a que está sujeito aquêle que passa a vida a preocupar-se com o seu aspecto físico e não pensa em alindar e cultivar o seu espirito e em cuidar da sua alma...»



Engénia deu um salto para o lado, como se a tivessem picado. E, enraivecida, exclamou:

—«Deixa-me, maltrapilha, que me sujais!...»

—«Eu sou pobre mas não ando suja! — replicou a rapariga num tom insolente. — Suja anda você com tôdas essas porcarias que põe na cara... E é feia como uma máscara de entrudo!...» Eugénia desesperou-se. Atrever-se uma reles mendiga a chamar-lhe feia!...

E como era mal educada — uma pessoa educada fingiria não ouvir o insulto e afastar-se-ia, sem responder — avançou para a rapariga e deu-lhe uma grande bofetada.

Engalfinharam-se as duas. E, no encarniçado da luta, Eugénia pôs um pé

—«Ai! Que terrível castigo, minha mãe!...»

—«Mas não foi ainda o suficiente para a emendar. Deixou de ter vaidade na formosura, porque a não possuía já. Mas continuou a considerar-se muito superior aos outros pela sua riqueza e pela inteligência. Porém, até nisto foi castigada também. O pai meteu-se em negócios ruinosos, perdeu tudo o que tinha e não sobreviveu à ruína! E Eugénia, que não estava preparada para a vida, viu-se obrigada a aceitar a hospitalidade duma sua irmã casada, de quem noutros tempos tanto troçara...»

—«Que infeliz!...»

—«Dizes, bem, minha filha: Que infeliz!...»

E ainda não sabes tudo...»

Sim